

A REESTRUTURAÇÃO INDUSTRIAL DOS FRIGORÍFICOS DE CARNE BOVINA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

THE INDUSTRIAL RESTRUCTURING OF BOVINE MEAT REFRIGERATORS IN THE STATE OF MATO GROSSO DO SUL

Valdomiro Antonio de Oliveira Lima¹

Resumo: O setor frigorífico de Mato Grosso do Sul é um dos principais responsáveis por inseri-lo no cenário exportador mundial por meio das *commodities* do agronegócio. Os 39 frigoríficos do Estado subdividem-se em 12 unidades internacionalizadas, prioritariamente exportadoras, as denominadas *Global Players* JBS, Marfrig e Minerva, e outras 27 unidades, que atuam prioritariamente no abastecimento do mercado interno da carne bovina. Destas, 13 operam sob o controle do Sistema de Inspeção Federal (SIF) e 14 sob o Sistema de Inspeção Estadual (SIE). O objetivo deste artigo foi caracterizar a atividade industrial da carne bovina sul-mato-grossense, buscando representá-la em suas articulações e interações setoriais, por meio da análise de seu circuito espacial produtivo. A discussão proposta apoiou-se nas categorias de Formação Socioespacial e na dos Ciclos Econômicos, a partir das quais discutimos a formação pecuária e frigorífica e a capacidade ociosa desta atividade industrial sul-mato-grossense. Partimos da hipótese de que os frigoríficos de carne bovina, diante do desempenho das grandes empresas do setor, promoveram mudanças estratégicas em seus processos produtivos, uma reestruturação industrial de suas plantas de abates. A série histórica dos abates bovinos no período compreendido entre 2006 e 2016, registra aumento do número de animais abatidos nos frigoríficos SIE e SIF no Estado, o que corrobora com a hipótese inicialmente formulada.

Palavras-chave: Frigoríficos. Reestruturação Industrial. Formação socioespacial. Ciclos econômicos.

Abstract: The refrigeration sector in Mato Grosso do Sul is one of the main responsible for inserting it in the world export scenario through agribusiness commodities. The 39 state-owned refrigerators are subdivided into 12 internationalized units, primarily exporters, the so-called *Global Players* JBS, Marfrig and Minerva, and another 27 units, which act primarily to supply the domestic beef market. Of these, 13 operate under the control of the Federal Inspection System (SIF) and 14 under the State Inspection System (SIE). The objective of this article was to characterize the industrial activity of South-Mato Grosso cattle beef, seeking to represent it in its articulations and sector interactions, through the analysis of its productive space circuit. The proposed discussion was based on the categories of Socio-spatial Formation and Economic Cycles, from which we discussed the livestock and refrigeration training and the idle capacity of this industrial activity in South-Mato Grosso. We start from the hypothesis that beef slaughterhouses, in view of the performance of large companies in the sector, promoted strategic changes in their production processes, an industrial restructuring of their slaughtering plants. The historical series of bovine slaughtering in the period between 2006 and 2016 shows an increase in the number of animals slaughtered in the SIE and SIF slaughterhouses in the State, which corroborates the hypothesis initially formulated.

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. Graduado e licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul *campus* Dourados. Professor de Geografia do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul *campus* Dourados. E-mail: valdomiro.lima@ifms.edu.br

Key words: Fridges. Industrial Restructuring. Socio-spatial formation. Economic cycles.

Introdução

O processo de internacionalização da economia brasileira tem causado modificações no sistema produtivo, notadamente no sentido de agregar novas descobertas científicas e avanços tecnológicos aos processos de produção, com novas metodologias, novos produtos, tudo conectado a uma cadeia produtiva integrada globalmente.

No setor do agronegócio, estas transformações foram, e são, cada vez mais intensas e aceleradas. Ao conjunto formado pela posição do país na divisão do trabalho, à disponibilidade de recursos naturais e à mão-de-obra barata, agregaram-se conhecimentos científicos e tecnológicos que consolidaram o papel do setor produtivo rural como exportador e gerador de divisas para o país.

A economia brasileira, desde a era colonial até meados do século XX foi voltada ao mercado externo, como fornecedora de bens primários e retornou a essa função nos últimos anos, num processo de reprimarização da pauta exportadora. A esse respeito, Lamoso (2010) argumenta:

O comércio exterior brasileiro, nos anos noventa, apresentou uma redução da participação de produtos manufaturados nas exportações, concomitantemente ao aumento das exportações de produtos básicos, de origem agrícola e mineral. Esse aumento de exportação de produtos de baixo valor agregado provocou discussões acerca da possível “reprimarização” da economia brasileira. (LAMOSO, 2010, p.1)

Ao longo de quase toda a nossa história, desenvolveu-se no país um intrincado processo de produção que tornou o Brasil, não apenas autossuficiente em gêneros agropecuários, mas também um dos maiores exportadores de grãos e proteína animal do mercado mundial.

Entre essas exportações, destaca-se o papel desempenhado pela carne bovina. Benites (2000) afirma que na formação histórica-econômica brasileira, a pecuária se desenvolveu primeiramente para abastecer regiões monocultoras, zonas de mineração e centros urbanos litorâneos. A exportação, ao longo da história passou a ser fonte de divisas para o governo, tornando o arranjo territorial dependente das relações estabelecidas pelas demandas externas.

Nesse contexto, a retomada dos investimentos estatais nos anos 2000 por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), no sentido de fortalecer

empresas de capital nacional, permitiu ao Mato Grosso do Sul destacar-se, cada vez mais, como exportador de produtos cárneos. Especialmente a partir de 2005, ocorreu uma intensificação da atividade frigorífica no Estado e grupos como o JBS, o Marfrig e o Minerva passaram a representar a internacionalização deste setor.

Pesquisadores como Galera (2011) e Bertholi (2006) afirmaram que os frigoríficos exportadores se estabeleceram no Estado e passaram a influenciar decisivamente nos rumos da economia. O noticiário da primeira década dos anos 2000 divulgou rotineiramente a formação de monopólio e/ou oligopólio no setor frigorífico, que passaram a influenciar todo o processo produtivo, da produção ao consumo. Concomitante a isso, é possível indagar se empresas de menor porte e pecuaristas foram afetados por essas grandes corporações frigoríficas.

O setor de carnes do Brasil está entre os maiores do mundo, tanto em produção (2º) quanto em exportação (1º). As 3.166 unidades frigoríficas com registro no Sistema de Inspeção Federal (SIF) foram responsáveis, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), em 2016, por 7,2% do total de exportações brasileiras, aproximadamente 7% do PIB do país. Estudo desenvolvido pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), referente ao ano de 2017, o *Perfil da Pecuária no Brasil – Relatório Anual*², afirma que a cadeia produtiva da carne movimentou aproximadamente R\$ 523 bilhões em sua cadeia produtiva. O Estado de Mato Grosso do Sul, nesse contexto, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), detém 10,14% do rebanho do país, com aproximadamente de 22,4 milhões de bovinos e foi responsável, em 2017, por 10,14% do total de abates de bovinos no âmbito brasileiro.

Dados do IBGE (2017) demonstram que o Brasil exportou apenas 19,2% do total de carne bovina produzida. O consumo *per capita* de 35 kg, verificado em 2016 infere que o Brasil tem um poderoso setor de economia interno de carne bovina (80,8%) que não pode ser desconsiderado numa análise da nossa indústria de produtos primários.

Segundo a Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar de Mato Grosso do Sul (SEMAGRO), atuam regularmente no Estado 14 unidades frigoríficas sob o Sistema de Inspeção Estadual (SIE), e outras 25 unidades sob o SIF. Dentre estas, há três frigoríficos internacionalizados, o JBS, o Marfrig e o Minerva, que detém, em conjunto, 12 plantas de

² Disponível em: < <http://abiec.siteoficial.ws/images/upload/sumario-pt-010217.pdf> >. Acessado em 20 de setembro de 2017.

abate. Nossa hipótese é de que, apesar do volume maior de abates exercido pelas corporações internacionalizadas, os demais frigoríficos também se reestruturaram e mantiveram-se competitivos no mercado.

Segundo Galera (2011), o setor frigorífico de Mato Grosso do Sul é um dos principais responsáveis por inserir o Estado no cenário exportador por meio das *commodities* do agronegócio. O objetivo deste artigo é caracterizar a atividade industrial da carne bovina, com ênfase no segmento que atende o mercado interno, buscando representá-la em suas articulações e interações inter-setoriais, bem como compreender as estratégias de manutenção dos frigoríficos de menor porte no abastecimento do mercado interno do Estado, isso porque apesar de, em tese, não competirem pelos mesmos consumidores, há uma competição pela matéria-prima, e tanto a dinâmica do fornecimento quanto a formação do preço, são afetados pela presença dos frigoríficos maiores, que detém uma maior capacidade de negociação.

Para a construção deste artigo, realizamos uma revisão bibliográfica objetivando compreender a dinâmica do circuito espacial da produção da carne bovina, a partir do estudo dos ciclos econômicos, das dualidades e da formação socioespacial sul-mato-grossense. Concomitantemente, fizemos uso da ampla base de dados disponibilizados por instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), a Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (SEMAGRO) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), dentre outras. A coleta das informações priorizou o intervalo temporal compreendido entre 2006 e 2016, período no qual ocorreu a reestruturação industrial das unidades frigoríficas sul-mato-grossenses.

Ainda no contexto da busca de informações que viessem a embasar e qualificar nosso trabalho de pesquisa, realizamos um trabalho de campo no período de novembro de 2017 a setembro de 2018, realizando 26 visitas e/ou entrevistas junto a pecuaristas (5), unidades frigoríficas SIF (9), unidades frigoríficas SIE (8) e organizações públicas (2) e setoriais (2) ligadas ao setor da produção de proteína animal do Mato Grosso do Sul.

Sobre ciclos econômicos, dualidades e formação socioespacial

É importante ressaltar que partimos de um referencial teórico e metodológico inserido na Geografia Econômica, adotando como princípio categorias de inspiração marxista, em

destaque a evolução do processo de acumulação capitalista segundo ciclos de acumulação³, abordados no Brasil por Ignácio Rangel. Ainda com base no autor, buscamos trabalhar com a ideia de dualidade básica da economia brasileira enfocando a transferências de recursos de áreas ociosas para áreas de estrangulamento no processo de produção. Outra categoria de análise é a categoria da formação socioespacial, com base nos trabalhos de Milton Santos, “A formação social como teoria e como método” (1977) e “A natureza do espaço” (1996).

Segundo Silveira (2003) os ciclos longos concebem fases de expansão e retração da economia capitalista industrial. O autor ressalta a natureza cíclica de tais fases expansivas e depressivas, que esse sistema de expansão e retração da base produtiva acontecia em períodos regulares, formando ciclos de meio século, mais ou menos metade em uma fase expansiva seguida de outra metade, uma fase recessiva.

Nas fases recessivas do ciclo, recursos eram alocados para áreas com potencial de expansão, de reestruturação ou inovação tecnológica. Esses investimentos resultam, já na fase ascendente em:

[...] novas invenções e inovações tecnológicas colocadas em prática abriam novas fronteiras para os negócios, ou seja, produtos tecnologicamente mais avançados eram colocados no mercado para gerar novas demandas. (SILVEIRA, 2003, p. 43)

As inovações tecnológicas surgem na fase depressiva do ciclo (chamada de fase “b”). Na fase de expansão do ciclo, a fase “a” é a fase em que as inovações são aplicadas ao processo de produção e o capitalismo avança, uma fase em que a produção e a lucratividade aumentam. No final, a superprodução e a concorrência impactam na queda da lucratividade, freando investimentos e dando início à fase “b” do ciclo, a fase recessiva, na qual os recursos disponíveis serão realocados para setores com capacidade ociosa iniciando uma nova fase ascendente.

As inovações promovidas nas fases “b” dos ciclos, favoreceram decisivamente o processo industrial brasileiro. Permitiram, no caso dos frigoríficos, a sua modernização tecnológica, importante tanto para atender às exigências do mercado externo, como também permitindo uma melhoria nos sistemas de comunicação e de transportes, possibilitando a industrialização da carne no interior do Brasil.

As fases recessivas do ciclo longo ocasionam consecutivas substituições de importações, formação e mudanças nas dualidades. Numa análise da formação socioespacial

³ Ver Rangel (1983), sobre transferências de recursos de áreas com capacidade ociosa para áreas estranguladas da economia, nas fases depressivas dos ciclos econômicos.

sul-mato-grossense, com base no pensamento de Ignácio Rangel e a teoria das “dualidades básicas”, percebe-se a existência dos pactos de poder, entre duas (a dualidade) ou mais frações da elite econômica, no caso dos frigoríficos, uma elite pecuária que convive, a partir dos anos 1960 com uma outra classe social, uma elite industrial frigorífica. As fases “a” e “b” do quarto ciclo (1948-1998) coincidem com o deslocamento de tecnologia e de recursos ociosos do sudeste para o oeste brasileiro, e impactam na frigorificação da cadeia produtiva da carne bovina no Estado.

Além das dualidades básicas, entendemos como fundamental para o estudo do processo econômico que propomos a compreensão da categoria de análise trabalhada por Milton Santos, a Formação Econômica e Social (FES).

Neste sentido, Milton Santos (1982), nos ensinou que o desenvolvimento da sociedade mundial, aliado ao da sociedade local refletirá na formação do espaço as rugosidades características dessa sociedade. Ele asseverou que:

Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo), são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social. (SANTOS, 1977, p. 86)

A formação social, portanto, segundo Santos (1977) compreenderia uma estrutura técnico-produtiva expressa geograficamente por uma certa distribuição espacial. Sendo assim, as formas espaciais seriam resultado do arranjo espacial de cada lugar, que por sua vez expressam a linguagem dos modos de produção e reforçam a especificidade de cada lugar.

Santos (1977) asseverou que “[...] as diferenças entre os lugares são o resultado do arranjo espacial de modos de produção particulares”. Nesse sentido, pode-se dizer que tanto a pecuária sul-mato-grossense quando a industrialização do processo cárneo no Estado, se organizam segundo as especificidades do lugar, sem, no entanto, deixar de expressar as determinações da ordem global, do seu papel na divisão internacional do trabalho. É neste contexto que o Mato Grosso do Sul assume o papel de fornecedor de gêneros agropecuários, juntamente com outras *commodities*, como soja e minérios.

Nesse sentido, compreendemos a ocupação do oeste brasileiro como uma questão de conjuntura econômica cíclica, onde o esforço de integração econômica do país, promovida pelo Estado ganha corpo nas fases depressivas da economia.

O Mato Grosso do Sul Pecuário

Segundo Benites (2000), no Estado de Mato Grosso do Sul, ao longo do século XX, formou-se uma classe social, a dos pecuaristas (um sócio menor, diria Rangel) bastante atuante no processo de frigorificação que ocorreu já na sua metade final. Concomitantemente, a partir das características físico-ambientais do Estado, favoráveis à pecuária, ocorreu a tecnificação do processo de criação de bovinos, uma qualificação que se revelou uma das vantagens utilizadas pelos frigoríficos para se estabelecerem competitivamente no mercado mundial.

A configuração espacial da porção oeste do território brasileiro não obedeceu ao acaso. Tratou-se de um processo lento, mas constante de implantação de uma lógica produtiva que atendeu os interesses de uma burguesia local, constantemente associada ao capital estrangeiro. Esse processo esteve sempre direcionado à acumulação de riquezas, por meio da exploração do território a partir de uma lógica exportadora.

A análise da conjuntura internacional sob o enfoque da teoria dos ciclos também permite dizer que houve um direcionamento das ações governamentais e empresariais para o oeste brasileiro objetivando que se produzissem aqui as mercadorias complementares necessárias ao processo industrial do Sudeste. A exportação de carne gerava as divisas necessárias ao processo de substituição de importações e o abastecimento do mercado interno, diminuía a dependência externa do país. O desenvolvimento da pecuária foi muito favorecido por esse contexto.

Nesse contexto, Abreu (2001) ressalta que, em determinado momento, passa-se a entender a ocupação do oeste brasileiro como a solução para os problemas da estagnação ou saturação econômica da Região Sudeste e como mecanismo de superação das dificuldades na exportação das mercadorias do país. A produção de carne bovina insere-se nesse contexto e explica a consolidação da pecuária no Estado do Mato Grosso do Sul.

O circuito espacial da produção de carne bovina sul-mato-grossense

A espacialização da produção de carne bovina em Mato Grosso do Sul pode ser compreendida a partir do conceito de Milton Santos (2008) que afirmou que os “circuitos espaciais de produção seriam as diversas etapas pelas quais passaria um produto, das fases iniciais do processo de produção até chegar ao consumo final”.

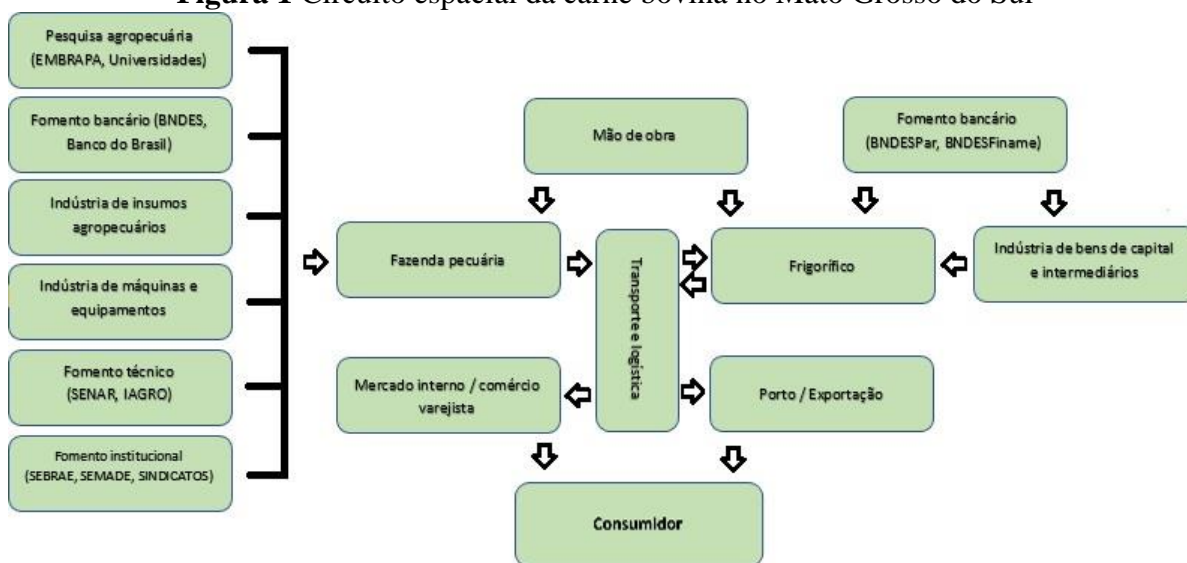
A produção de carne bovina no Mato Grosso do Sul foi mundializada, obedecendo aos

comandos dos agentes do capitalismo que, no contexto atual, regulam o uso do território. De acordo com Castilho e Frederico (2010, p. 462), as grandes corporações são os “[...] agentes privilegiados da articulação entre os lugares...”. Nesse contexto, as trocas materiais que ocorrem a partir da fazenda de criação de gado estão sob o controle dos agentes hegemônicos do espaço sul-mato-grossense, no caso, dos frigoríficos que detém o princípio da centralidade.

Os pecuaristas sul-mato-grossenses, muito embora conservem boa parte de seu poder e influência, não comandam todo o sistema produtivo. São sócios menores, segundo Rangel, na atividade econômica da carne bovina, considerando-se, nesse caso, que os frigoríficos sejam os sócios maiores da atividade no Estado. A relação com os frigoríficos não chega a configurar um cenário de produção integrada, mas não se pode descartar o poder de influência e cooptação de produtores rurais, por parte das empresas exportadoras de carne.

A figura 1 propõe uma interpretação do circuito espacial da carne bovina no Mato Grosso do Sul. Trata-se de uma proposta de compreensão dos circuitos apresentados e analisados por Santos e Silveira (2001), da produção, da circulação e do consumo.

Figura 1 Circuito espacial da carne bovina no Mato Grosso do Sul



⇒ Relações capitalistas de cooperação

Fonte: FAMASUL/SEMADE/SEMAGRO/Trabalho de campo (2017)

Elaboração: Valdomiro Lima

Segundo Santos e Silveira (2001), no contexto dos circuitos espaciais da produção, os círculos de cooperação dizem respeito às articulações que se estabelecem entre as empresas capitalistas, um processo de compartilhamento de técnicas, tecnologias e informação. Segundo os autores, são os fluxos imateriais. Ou ainda:

[...] entendidos como a relação estabelecida entre lugares e agentes por intermédio dos fluxos de informação. Os círculos de cooperação são essenciais por permitirem colocar em conexão as diversas etapas, especialmente separadas, da produção, articulando os diversos agentes e lugares que compõem o circuito espacial da produção. (CASTILHO; FREDERICO, 2010, p.464)

Nesse contexto, as informações circulam em meio às empresas, dinamizando o processo de produção. Trata-se das transferências de capital, homogeneização de processos e normas, enfim, que permitem colocar a produção em movimento (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

No caso do circuito espacial da carne bovina, os arranjos espaciais produtivos, a exportação e seus desdobramentos técnicos, configuram-se a partir da articulação dos agentes que atuam no circuito espacial produtivo no sentido de estabelecer os necessários círculos de cooperação. Castillo e Frederico (2010) asseveram que são empreendidas cooperações entre empresas, entre estas e o poder público, entre empresas e associações e instituições internas ou externas à área de atuação dos envolvidos.

No contexto sul-mato-grossense, no desenvolvimento da pecuária bovina, durante o século XX, e na internacionalização da indústria frigorífica, os agentes públicos e privados atuaram com relativo sucesso. Além das próprias empresas, o trabalho de pesquisa desenvolvido em função da evolução produtiva na criação e na industrialização de bovinos, feito por instituições públicas e as organizações setoriais ligadas ao agronegócio resultaram numa evolução econômica para o Estado.

O compartilhamento de informações entre criadores de gado, no Brasil e no exterior, contribuiu para um melhor manejo nas propriedades, para o aprimoramento das raças e para uma produção de carne de melhor qualidade. A precocidade obtida no processo de cria, recria e engorda⁴, atinge ótimos resultados, o “Novilho Precoce”, como é chamado, tem um ciclo de crescimento e abate que pode durar apenas 21 meses, propiciando menos custos na produção e mais qualidade na carne.

Conforme pôde ser observado na figura 1, a partir da fazenda de criação, a circulação se desencadeia nas subseqüentes etapas de produção até chegar no consumidor. O frigorífico, que processa o animal, agrega valor ao produto que pode ser exportado ou abastecer o

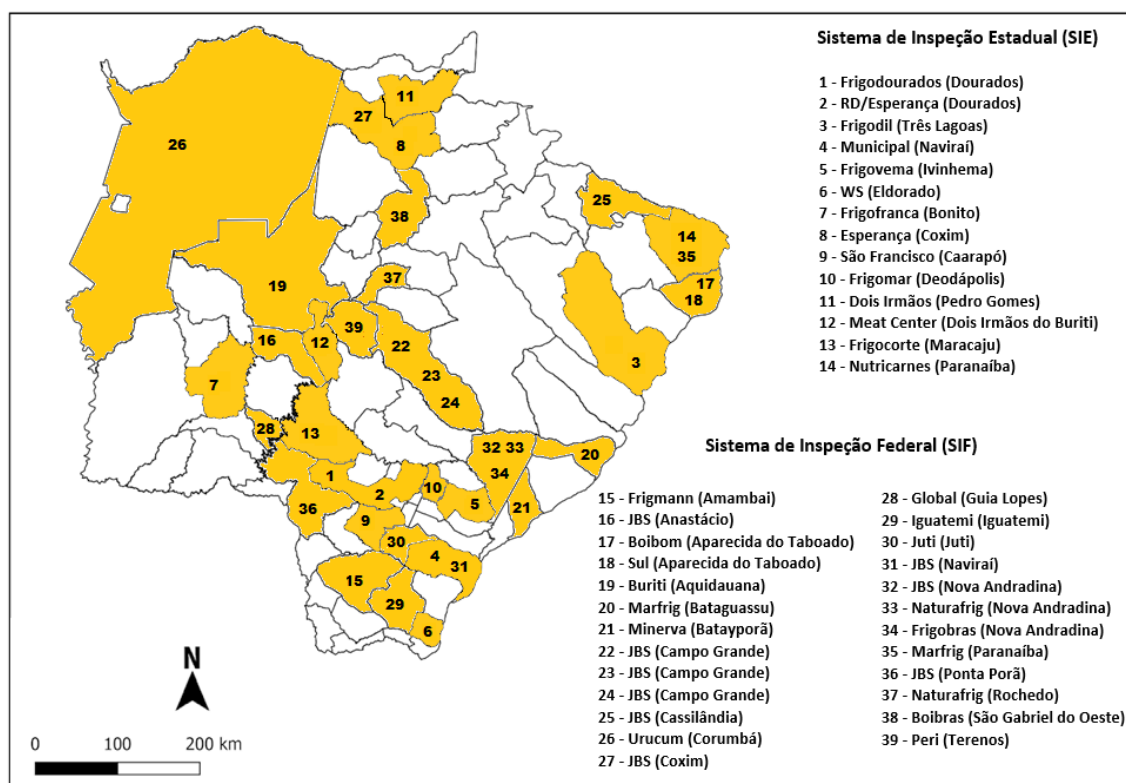
⁴ Segundo a Embrapa, são as etapas de crescimento na produção de bovinos. Disponível em: <<http://old.cnpqg.embrapa.br/eventos/2000/dcnelore/apostila2.html>> Acessado em 14 de outubro de 2017.

mercado interno.

No contexto do abastecimento do varejo brasileiro, é importante ressaltar que por volta de 80% da carne produzida no país é consumida internamente. A rede de açougues e supermercados e empresas do ramo alimentício atuam no circuito principalmente em sua fase terminal, no consumo. O comércio de carnes brasileiro, portanto, é abastecido pelas empresas frigoríficas com relativo sucesso.⁵

Os frigoríficos tendem a se instalar em determinado local do território em função de disponibilidade de mão de obra, proximidade e condições de deslocamento de rebanhos e custo de transporte. A análise das figuras 2 e 3 nos dão uma percepção de como tal questão foi resolvida no Mato Grosso do Sul.

Figura 2 - Unidades frigoríficas em operação no Estado de Mato Grosso do Sul em 2016



Base cartográfica: IBGE (2016)

Fonte dos dados: MAPA/SEMAGRO/SEMADE (2017)

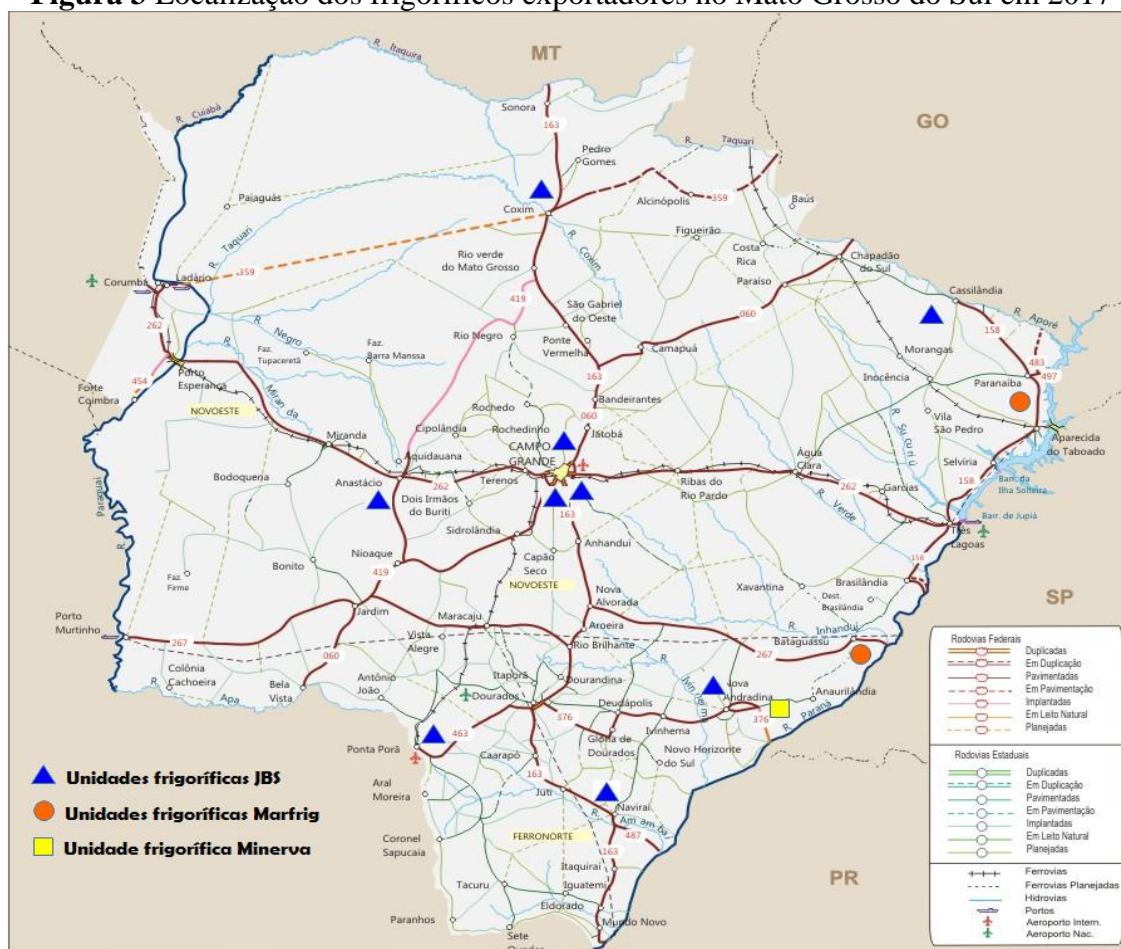
Organização: Valdomiro Lima

⁵ O último registro de falta de carne no Brasil é de 1986, época em que o governo, durante o chamado “Plano Cruzado”, congelou o preço de vários produtos, dentre eles a carne bovina e os produtores pararam de vender gado.

Os frigoríficos JBS, Marfrig e Minerva, distribuem-se às margens das rodovias federais sul-mato-grossenses e aproveitam-se ao máximo do que o Estado pode oferecer no que diz respeito à centralidade da localização. Prioritariamente, o transporte de bovinos é feito por meio de caminhões, da fazenda pecuária ao frigorífico e deste aos mercados consumidores e portos de exportação.

Ressalte-se que os fluxos globais de comércio da carne bovina, conectam-se por meio de navios, e a carne brasileira tem de ser escoada para os portos atlânticos. No caso do Mato Grosso do Sul, trata-se de adentrar em São Paulo ou no Paraná, até os portos de Santos e Paranaguá, dois dos principais portos do país. Nesse contexto, os demais frigoríficos se espalham no território, assumindo uma posição de complementaridade, uma vez que todos os municípios do Estado são produtores de bovinos.

Figura 3 Localização dos frigoríficos exportadores no Mato Grosso do Sul em 2017



Base cartográfica: IBGE (2016)

Fonte dos dados: MAPA/SEMAGRO (2016)

Adaptação: Valdomiro Lima

O Mato Grosso do Sul frigorífico

A partir da década de 1960, as atenções do planejamento Estatal brasileiro foram direcionadas para o oeste do país. Nesse contexto, a produção passou a ser descentralizada, interiorizando a atividade industrial no Brasil, permitindo que, ao lado das grandes indústrias, surgissem uma gama de pequenas e médias empresas de características que complementam a produção. Trata-se, portanto, de uma economia e de um território que se organizou em função de demandas externas.

Nas fases depressivas dos ciclos, no sentido de diversificar a produção e abandonar a exclusividade do setor primário da produção, o estímulo à implementação da tecnificação da agricultura, dos distritos e complexos industriais, consolidaram o Brasil como um país industrializado.

A Terceira Dualidade, como Rangel chamou a articulação entre latifundiários e a burguesia industrial, promoveu a industrialização e o incremento da economia interna no país. A Segunda Guerra fomentou a demanda pela carne brasileira, potencializada a partir da década de 1950, que se caracterizou pelo início de uma fase expansiva do ciclo da economia mundial.

No processo de interiorização da frigorificação, ocorreu a formação de empresas brasileiras, o que acabou por ocorrer gradativamente, principalmente a partir da década de 1960, com os frigoríficos de capital nacional assumindo o protagonismo na produção, na estocagem e na comercialização de carne, inclusive na exportação. A evolução técnico-estrutural dos sistemas de transporte, e os incentivos (crédito estatal e acesso ao crédito externo) concedidos às essas empresas, possibilitaram a descentralização geográfica das plantas frigoríficas:

Ao mesmo tempo em que ia ocorrendo a descentralização geográfica da indústria da carne junto às áreas pastoris a partir da localização junto aos grandes centros consumidores e a melhoria do uso de técnicas (aproveitamento integral e racional dos subprodutos), foi se tornando cada vez mais visível o contraste entre as unidades industriais. (BENITES, 2000 p.168)

O quarto final do século XX também se caracterizou como um período em que se fomentou a melhoria das técnicas de produção nas fazendas de criação de gado, concomitante

com a modernização do sistema de transporte de cargas, tudo objetivando ao mesmo tempo aumentar a produtividade e diminuir o custo de produção. Os anos 1990 marcam o processo definitivo de desconcentração espacial frigorífica, por meio da dispersão da indústria pelo território, que objetivava:

[...] aproximar a indústria do fornecedor de matéria prima, reduzir os custos de produção, aumentar ganhos de produtividade e por sua vez inserir o produto no mercado global. (GALERA, 2011, p. 33)

Os frigoríficos internacionalizados sul-mato-grossenses

No contexto da teoria dos ciclos econômicos, podemos afirmar que as inovações tecnológicas desenvolvidas na fase “b” do quarto ciclo (1973-1998), segundo Rangel (1983) foram decisivas para a modernização econômica brasileira nesse século XXI. Alie-se a isso a política econômica e industrial implementada no Governo Lula a partir de 2003, com foco na abertura de mercados para as empresas brasileiras, investimentos em infraestrutura e na ampliação do crédito por meio do BNDES, e podemos visualizar o cenário proposto pelo autor, de transferência de recursos ociosos para áreas de estrangulamento, mudando realidade econômica e social brasileira.

Em meados da década de 2000, segundo Galera (2011), o processo de modernização industrial dos frigoríficos brasileiros havia colocado o país num outro patamar. O Brasil transformou-se, no período, no maior exportador de carne bovina, constituindo empresas frigoríficas de grande porte, multinacionais inclusive.

Segundo Galera (2011), as indústrias ligadas ao segmento de exportação de carne bovina passaram, ao longo do tempo, a desenvolver sistemas diferenciados de logística, estrutura empresarial e nível tecnológico, crescendo e adotando uma postura agressiva, adquirindo novas plantas produtivas em variados países do mundo. Empresas frigoríficas como a JBS, a Marfrig e a Minerva, tornaram-se verdadeiros *Global Players*⁶, a partir da agregação de valor aos seus produtos, implantação de programas de qualidade e modernização do sistema de gestão e logística, uma reestruturação industrial técnica e tecnológica de suas plantas frigoríficas, e da consequente conquista do mercado externo.

A indústria da carne bovina no Mato Grosso do Sul

⁶ São denominados assim os indivíduos ou corporações que, de alguma forma, a partir do desempenho em seu respectivo setor produtivo, converte-se num padrão, numa referência de desempenho, influenciando a atuação dos demais atores em processos produtivos de caráter similar.

A partir da pecuária bovina, a reprodução capitalista tem, no processo de frigorificação, um elemento fundamental de inserção econômica do Mato Grosso do Sul aos circuitos produtivos nacional e mundial. O Estado passa, a partir da metade final do século XX, por uma adaptação às práticas agropecuárias do mercado internacional e torna-se um exportador de *commodities* e um importador de insumos do agronegócio.

Segundo a SECEX, em 2016, o Mato Grosso do Sul foi, em 2016, o 2º maior produtor e o 5º maior exportador no âmbito nacional da carne bovina. O Estado passou, no quarto final do século XX por um processo de frigorificação que mudou a realidade da produção pecuária, então muito dependente dos frigoríficos da região sudeste, contribuindo para a sua diversificação industrial.

Nos anos de 2005 a 2010, segundo Galera (2011), o BNDES disponibilizou recursos para internacionalizar o setor e incentivar a atuação de grandes frigoríficos em âmbito mundial. Isto e a abertura de capital de empresas como a JBS (captação de R\$ 1,6 bilhão) e a Marfrig (R\$ 1 bilhão), possibilitou a expansão de seus negócios, especialmente quanto à inserção no mercado internacional. Internamente, os frigoríficos promoveram uma dispersão geográfica e uma diversificação nas plantas industriais de produção, reduzindo os riscos de embargos sanitários e garantindo o suprimento de animais, menos dependente de oscilações políticas e econômicas regionais.

Considerando-se apenas as indústrias frigoríficas que estavam operando regularmente entre 2006 e 2016, chegamos a um total de 39 unidades, e para além do desempenho das empresas internacionalizadas, o setor frigorífico sul-mato-grossense apresentava, no período, outras 27 unidades frigoríficas que responderam por 51,75% dos abates de carne bovina no Estado, segundo a SEMAGRO, em 2017, um percentual que merece ser considerado e analisado.

Ao mesmo tempo em que o foco da produção pecuária bovina estava na exportação de carne, o mercado interno continuava demandando proteína animal. Na década de 1990, a consolidação da nova moeda, a estabilização monetária e o início da recuperação da renda dos brasileiros já indicava que haveria um nicho mercadológico que deveria ser atendido por empresas frigoríficas com foco no mercado interno.

Nesse cenário, os frigoríficos de menor porte foram beneficiados pelos avanços econômicos e sociais vivenciados nos anos do governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010). As medidas econômicas adotadas no período ampliaram a renda de milhões de pessoas, ampliando o mercado consumidor. A carne bovina foi beneficiada nesse

contexto. Ao se analisar as tabelas e os gráficos 1 e 2, percebe-se que, no mesmo período em que se aumentavam os abates destinados à exportação, o mercado interno continuava sendo abastecido regularmente. Foi um período de consolidação das 27 demais unidades frigoríficas de menor porte voltadas ao abastecimento interno.

Dentre as 27 unidades frigoríficas sul-mato-grossenses voltadas ao mercado interno, 14 estão integradas ao Sistema de Inspeção Estadual (SIE). O sistema SIE não os habilita à exportação, mas permite a comercialização da produção em todo Brasil. Seus representantes, no entanto, afirmaram que entregam toda sua produção nos mercados consumidores mais próximos, geralmente no próprio município de instalação.

A capacidade total de abates dos frigoríficos SIF em atividade, no ano de 2017, no Mato Grosso do Sul, era de mais de 18 mil cabeças de bovinos por dia. Conforme os dados do SIF, no geral temos uma capacidade operacional executada de 56%, com uma média de abate diário de pouco mais de 10 mil cabeças. A capacidade ociosa da indústria frigorífica, portanto, é de consideráveis 44%, quase 8 mil animais potencialmente não abatidos.

Percentualmente, é possível afirmar que existe uma concentração de capacidade instalada dos *Global Players*, em relação aos demais frigoríficos. Em conjunto, aquelas empresas detinham, em 2017, segundo a SEMAGRO, 70% da capacidade instalada, e 52% do total de abates executados. Torna-se relevante observar que no mesmo período, e com apenas 30% da capacidade instalada, os frigoríficos SIF de mercado interno⁷ e os SIE foram responsáveis por 48% dos abates sul-mato-grossenses. A título de comparação, em 2015, esses frigoríficos detinham 26% da capacidade instalada e 41% dos abates no Estado, o que indica que essas empresas não apenas resistiram à proposta agressiva de aquisição e controle, mas também conseguiram estabelecer formas de competição. Esses números indicam um movimento de reestruturação, com um incremento da participação dos frigoríficos de mercado interno nos abates, com aumento tanto na capacidade instalada quanto no percentual de abates bovinos no período.

Unidades frigoríficas sul-mato-grossenses sob o Sistema de Inspeção Estadual (SIE)

Atualmente, existem 14 unidades frigoríficas operando no Mato Grosso do Sul, sob o sistema SIE, com atuação limitada ao território estadual, com a venda de carne desossada restringindo-se ao município de instalação e no máximo ao mercado consumidor de cidades

⁷ Para fins de diferenciação, denominamos SIF de mercado interno os frigoríficos do Sistema de Inspeção federal que não sejam JBS, Marfrig e Minerva.

do entorno. A Tabela 1 apresenta uma série histórica dos abates dessas empresas frigoríficas.

Tabela 1 Abates em unidades frigoríficas do Sistema de Inspeção Estadual (SIE) no Mato Grosso do Sul (2006 – 2016)

Indústria	Município	2006	2008	2010	2012	2014	2016
Frigofranca	Bonito	3.655	0	6.627	15.050	35.653	36.300
São Francisco	Caarapó	2.466	2.868	5.315	4.638	5.144	3.344
Esperança	Coxim	4.731	4.129	4.830	7.638	10.166	9.100
Frigomar	Deodápolis	2.466	2.868	5.315	4.638	8.420	14.647
Meat Center	Dois I. do Buriti	0	7.382	21.351	34.833	25.692	31.165
Frigodourado	Dourados	0	0	0	0	19.277	20.608
RD/Esperança	Dourados	1.200	1.190	1.060	1.244	1.149	1.143
WS	Eldorado	1.730	2.240	1.795	3.341	4.139	3.851
Frigovema	Ivinhema	13.377	11.754	13.536	12.511	12.185	11.344
Frigocorte	Maracaju	0	0	0	0	0	23.188
Municipal	Naviraí	1.639	1.834	1.928	4.144	4.038	3.255
Nutri Carnes	Paranaíba	0	0	0	0	0	8.644
Dois Irmãos	Pedro Gomes	0	3.233	2.879	5.831	5.218	5.667
Frigodil	Três Lagoas	6.707	7.275	14.048	0	20.101	18.024

Fonte: SEMAGRO/SEPAF/IAGRO (2018)

Organização: Valdomiro Lima

A série histórica de abates dos frigoríficos SIE apresentada na tabela 1 indica que a competição mercadológica destes com os grandes frigoríficos exportadores, entre 2006 e 2016, não afetou negativamente os seus desempenhos produtivos. Os abates, em absoluta maioria, aumentaram. Dentre os 14 abatedouros, 12 deles ampliaram os abates ao longo do período. Apenas dois deles tiveram menos abates no último ano em relação ao primeiro ano da série, os frigoríficos RD/Esperança de Dourados, com uma queda de 4,75% e o Frigovema de Ivinhema, com uma queda de 15,2%. Mas mesmo estes, ao longo da série chegaram a apresentar, segundo a SEMAGRO, aumentos da ordem, sempre em relação ao primeiro ano da série, de 26,91% (em 2013) e 62,77% (em 2011), respectivamente.

Nesse sentido, quando questionados a respeito, os representantes das unidades frigoríficas apresentaram algumas respostas para este cenário que contraria o senso comum a respeito do eventual oligopólio estabelecido pelos grandes exportadores de proteína animal, sendo as principais:

1. Mudanças no sistema de compra e venda de gado, pagando à vista.
2. Negociação em volumes menores (até mesmo um ou dois animais);
3. Negociação individualizada com pecuaristas e comerciantes varejistas, sobre preços e prazos (visando sempre a fidelidade em contratos futuros);
4. Melhorias técnicas nas plantas de abate, com a compra de maquinários e treinamento de funcionários;
5. Aderir a linhas de crédito nos bancos públicos por meio de programas governamentais;
6. Localização estratégica que permita agilizar a entrega do produto fresco no mercado local

Unidades frigoríficas sul-mato-grossenses sob o Sistema de Inspeção Federal (SIF)

O mercado interno da carne bovina no Mato Grosso do Sul tem sido histórica e majoritariamente abastecido por abatedouros que, além do SIE, operam sob o sistema SIF, unidades estas que estão também aptas a vender carne para o mercado externo. A Tabela 2 apresenta uma série histórica de abates dessas empresas frigoríficas.

Tabela 2 Abates em unidades frigoríficas do Sistema de Inspeção Federal (SIF) no Mato Grosso do Sul (2006 – 2016)

Indústria	Município	2006	2008	2010	2012	2014	2016
Frigmann	Amambai	0	0	0	0	2.120	89.258
JBS	Anastácio	225.328	134.173	0	0	68.822	134.281
Boibom	Ap. do Taboado	0	0	0	0	21.840	34.912
Sul	Ap. do Taboado	93.990	83.622	79.087	94.755	90.998	111.845
Buriti	Aquidauana	58.426	40.526	89.252	123.289	108.640	127.949
Marfrig	Bataguassu	364.540	220.952	282.180	261.344	254.753	327.627
Minerva	Batayporã	150.199	152.307	184.193	180.806	147.928	0
JBS	Campo Grande	229.492	121.970	0	0	0	0
JBS	Campo Grande	249.266	228.694	237.198	277.223	293.563	258.251
JBS	Campo Grande	0	181.459	430.239	494.017	469.561	388.047
JBS	Cassilândia	97.706	0	119.861	156.101	102.951	118.077
Urucum	Corumbá	19.326	13.603	13.356	17.329	21.654	17.143
JBS	Coxim	42.566	18.563	131.811	125.220	137.103	108.985

Global	Guia Lopes	72.970	78.158	94.836	104.026	90.505	98.431
Iguatemi	Iguatemi	43.288	26.959	0	94.581	108.106	108.106
Juti	Juti	0	0	0	0	0	70.241
JBS	Naviraí	424.205	353.872	328.796	287.653	299.230	203.370
JBS	Nova Andradina	223.648	165.557	20.868	8.451	182.474	122.349
Naturafri	Nova Andradina	115.753	102.844	138.433	137.842	142.239	113.658
Frigobras	Nova Andradina	9.181	0	24.747	71.533	68.328	66.394
Marfrig	Paranaíba	1.161	26.049	96.793	152.930	146.064	13.055
JBS	Ponta Porã	53.607	93.613	99.549	103.867	98.836	96.044
Naturafri	Rochedo	0	32.136	107.701	129.448	145.950	114.162
Boibras	São Gabriel	0	0	0	0	42.765	169.885
Peri	Terenos	166.947	142.293	139.411	191.669	169.876	176.844

Fonte: SEMAGRO/SEPAF/IAGRO/DFA (2018)

Organização: Valdomiro Lima

Ao todo, das 25 unidades frigoríficas que operam sob o sistema SIF, a JBS (9 unidades), o Marfrig (2 unidades) e o Minerva (1 unidade) priorizam a exportação. Os demais 13 frigoríficos sul-mato-grossenses apresentados na Tabela 1, e que priorizam o abastecimento do mercado interno de carne bovina demonstraram, ao longo do período 2006 – 2016, uma resiliência produtiva, frente aos expressivos números exibidos por JBS, Marfrig e Minerva. Tal cenário é passível de comprovação ao se analisar os números apresentados na Tabela 2, os quais por sua vez indicam a manutenção ou o aumento do número de abates de animais no intervalo temporal supracitado.

É importante ressaltar que existia capacidade ociosa no setor frigorífico no Estado. Nas entrevistas feitas com os representantes dos frigoríficos SIF de mercado interno, eles afirmaram que, tiveram de fato dificuldades operativas diante da emergência dos *Global Players*, mas concomitantemente, puderam ampliar a produtividade, seguindo o mesmo caminho trilhado por estes. Aquisição de equipamentos, modernização das plantas e procedimentos de abate, mudanças no padrão de gestão da compra e venda de gado dos criadores sul-mato-grossenses, enfim, uma reestruturação que também se traduz em números expressivos de abates, conforme pode ser visualizado na tabela referida.

No conjunto de fatores que consideramos relevantes, no sentido de comprovar a nossa hipótese de reestruturação das unidades frigoríficas de mercado interno sul-mato-grossenses, entendemos ser importante destacar que, no apogeu da internacionalização dos *Global*

Players da carne bovina, quatro novas plantas industriais iniciaram suas operações, especificamente as unidades frigoríficas Boibom, em 2013, Frigmann e Boibras, em 2014 e Juti, em 2015.

Nesse sentido, ressalte-se que os números de abates foram tendencial e majoritariamente crescentes, conforme pode ser visualizado nas tabelas 1 e 2 e nos gráficos 1 e 2. O crescimento, portanto, pôde ser verificado não apenas nos abatedouros exportadores, mas também nos demais SIE e SIF voltados para o mercado interno.

Quando questionados a respeito do cenário de crescimento do número de abates no período 2006 – 2016, os representantes das unidades frigoríficas apresentaram os seguintes fatores principais:

1. Atrelar a operação a contratos de médio e longo prazo com fornecedores e compradores, buscando fidelidade.
2. Modernização das plantas e das técnicas de abate, com qualificação da mão-de-obra, objetivando diminuir custos e otimizando a produção.
3. Adaptação total às normas do SIF, objetivando certificações internacionais de qualidade, como por exemplo o abate *halal*⁸.
4. Fechar contratos de venda de carne com redes de supermercados que operam em múltiplos Estados.
5. Inserir-se no mercado exportador, preferencialmente com países ainda não atendidas pelas *Global Players*.
6. Atender nichos do mercado varejista que tenham foco na qualidade superior, com animais selecionados.

Os aumentos sucessíveis nos abates de frigoríficos SIE e SIF de mercado interno, entre os anos de 2006 a 2016, indicam que aconteceram mudanças estruturais no sistema produtivo dessas unidades. Elas não apenas conseguiram competir, mas também evoluir no quantitativo de abates. A cientifização do território, a técnica e a tecnologia aplicadas à indústria frigorífica sul-mato-grossense concomitantemente com a modernização no sistema produtivo das próprias fazendas pecuárias do Estado, aliados a programas como o “Novilho Precoce”, tudo isso veio contribuir decisivamente para esse processo de inflexão produtiva, a

⁸ Segundo o MAPA, o abate *halal* é feito por meio de um ritual religioso. Todos os procedimentos são realizados sob a anuência de um inspetor muçulmano, treinado especificamente para essa função. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/01/industrias-brasileiras-fazem-abate-religioso-de-carnes-para-garantir-mercados-estrangeiros>>. Acessado em 10 de setembro de 2017.

reestruturação da indústria frigorífica sul-mato-grossense no século XXI. Além do verificado aumento nos abates frigoríficos, as entrevistas realizadas com pecuaristas, representantes das unidades frigoríficas e de órgãos públicos (especialmente com os técnicos da SEMAGRO), caminharam no sentido de asseverar com essa hipótese.

Parece-nos evidente que os frigoríficos de mercado interno buscaram seguir o rastro deixado pelos *Global Players* da proteína animal, uma vez que estes, ao adotar novos padrões tecnológicos, adquirindo maquinários mais modernos e agregando competitividade aos seus processos produtivos, induziram o mercado a, ainda que indiretamente, demandar que todas as demais empresas do ramo também se reestruturassem.

Nesse contexto, os próprios governos, preocupados com episódios que porventura possam criar empecilhos à exportação da carne brasileira, o que concorreria negativamente para uma piora dos resultados da balança comercial do país, acabaram por atuar no sentido de forçar ou favorecer uma inflexão modernizante no setor. Alteraram-se regras sanitárias, normas técnicas, ampliou-se a necessidade de rastreabilidade animal, criaram-se programas de fomento, com crédito mais barato e assistência técnica para que as plantas frigoríficas fizessem, cada uma, a sua própria revolução tecnológica, tudo com foco na competitividade no circuito global da carne bovina.

A lógica da acumulação capitalista se expressa por meio da superação de crises cíclicas, como as que temos constantemente vivenciado ao longo dos séculos XX e XXI. No caso das unidades frigoríficas SIE e SIF de mercado interno, em que tivemos a eventual ameaça de se configurar um monopólio na produção da carne bovina brasileira por parte dos *Global Players*, essa crise possibilitou que houvesse, por parte delas, uma tentativa de reposicionamento técnico e tecnológico das demais plantas de abate, com o objetivo de conseguir minimamente competir no mercado interno e, eventualmente, inserir-se no comércio global de proteína animal.

A partir desse cenário, as unidades frigoríficas SIE e SIF de mercado interno passaram a adotar, com variados graus de intensidade e diferenças quanto à temporalidade, estratégias inovadoras no sentido de modificar o processo produtivo de suas respectivas plantas de abate, buscando ganhar mais mercado, interna e até mesmo externamente.

Aos grandes frigoríficos exportadores sul-mato-grossenses foram atribuídas, pela imprensa e por políticos locais, tentativas de monopolizar o setor de abates no Estado, principalmente na segunda metade da década passada. Uma das estratégias utilizadas era a eventual compra de plantas de abate frigorífico já existentes, e que eram deixadas em estado de espera, diminuindo a quantidade de abatedouros disponíveis, e criando uma situação similar a um cartel, uma associação de empresas que passariam a controlar os abates e

submeteria os pecuaristas às suas condições. Uma leitura atenta dos gráficos 1 e 2, indicam que, embora tal fato tenha ocorrido, 27 outras unidades frigoríficas continuaram abatendo regularmente, inclusive com números majoritariamente crescentes ao longo do período 2006 – 2016.

Figura 4 Carne preparada para exportação no Frigorífico do Sistema de Inspeção Federal (SIF) Iguatemi de Iguatemi-MS



Fonte: trabalho de campo (2018)
 Autoria: Valdomiro Lima

Dentre as estratégias de crescimento utilizadas pelas unidades frigoríficas SIE e SIF de mercado interno, destacam-se as diversificações de produtos e mercados e o incremento tecnológico. A título de exemplo, durante nossas visitas aos frigoríficos, fomos informados que a unidade frigorífica Naturafri, inseriu-se no cenário exportador por meio de miúdos bovinos e subprodutos, como tendões, língua e medula. A unidade frigorífica Iguatemi inseriu-se no mundo árabe, exportando 30% de sua produção (figura 4) para a Arábia Saudita, o Irã e Hong Kong. Importante ressaltar que os dois primeiros exigem o abate feito por meio do sistema *halal*, com supervisão *in loco* durante todos os procedimentos de abate e manejo da carne.

Desde os anos 1990, com o advento do plano de estabilização da economia, iniciado ainda no governo do Presidente Itamar Franco, o planejamento governamental tinha como estratégia um enfoque nas exportações. Leis aprovadas desde então, buscavam facilitar a exportação de uma série de produtos, como a chamada Lei Kandir⁹, que extinguiu a cobrança

⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LCP/Lcp87.htm>. Acessado em 12 de julho de

do Imposto sobre a Comercialização de Mercadorias e Serviços, que incidia sobre as exportações de produtos primários e semielaborados, enquadrando todo o setor do agronegócio brasileiro. Nos anos que se seguiram, outras iniciativas foram levadas adiante, sempre objetivando aumentar o volume de exportações e contribuindo para o superávit da balança comercial brasileira.

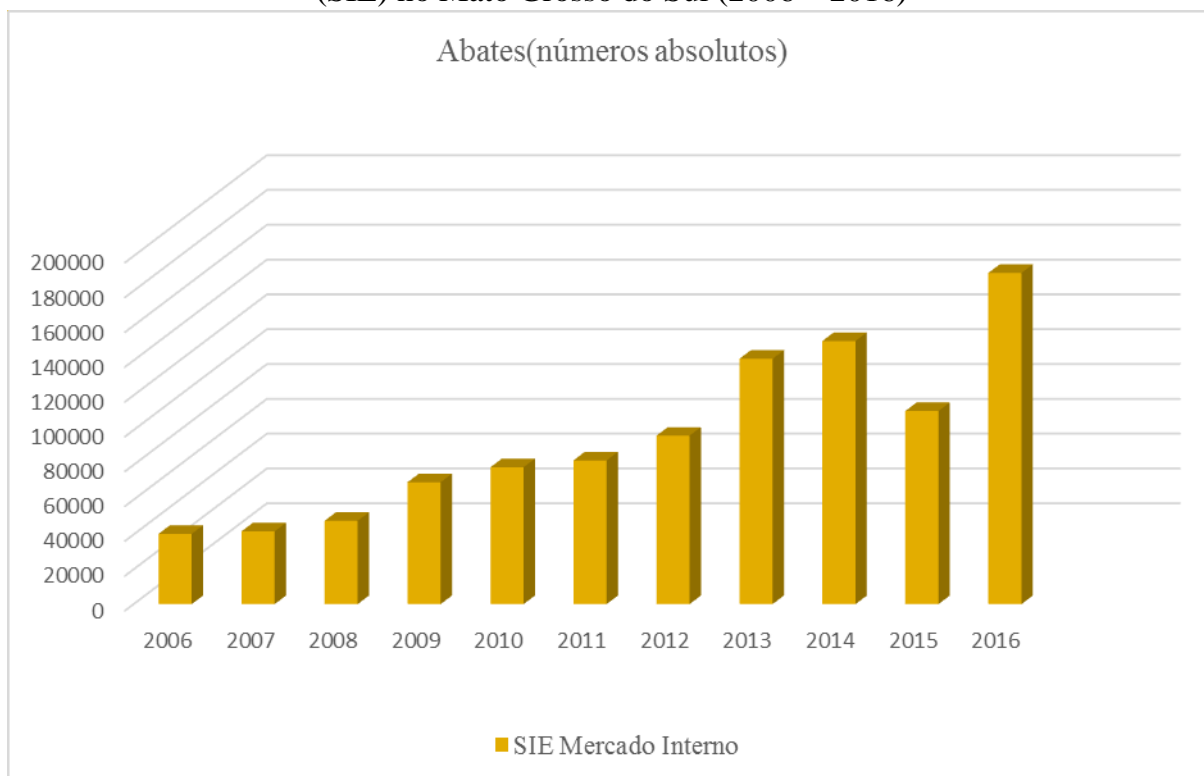
Especialmente nos governos de Lula (2003 a 2010), o forte aporte financeiro do BNDES elevou algumas de nossas empresas a se tornarem referência mundial, caso das frigoríficas JBS e Marfrig. O que percebemos agora é que, embora o momento político-econômico do país e o apoio do governo não sejam os mesmos, o caminho aberto por essas empresas, permitiu que o setor frigorífico do SIE e do SIF de mercado interno pudesse, além de ampliar sua capacidade efetiva de abates, também buscar espaço no mercado internacional da proteína animal, coisa que três unidades frigoríficas sul-mato-grossenses (Naturafrig de Rochedo e Nova Andradina e Iguatemi de Iguatemi) já estão fazendo. É nesse sentido que entendemos ser possível afirmar que houve uma reestruturação industrial no setor frigorífico do Estado do Mato Grosso do Sul especialmente após o ano de 2006.

A indústria frigorífica sul-mato-grossense no século XXI: a hipótese da reestruturação do setor de mercado interno

A reestruturação industrial perpetrada pelos grandes frigoríficos exportadores, ao todo com 12 plantas industriais (9 da JBS, 2 do Marfrig e 1 do Minerva) no Mato Grosso do Sul, acabou por pavimentar o caminho para todas as demais unidades frigoríficas. Seguir um modelo similar de inflexão técnica, tecnológica e estrutural, e adotar um modelo de gestão de caráter exportador passou a ser imperativo para os frigoríficos regionais se sustentarem no mercado de maneira mais competitiva.

É nesse contexto que muitas empresas do ramo frigorífico, por não conseguir se adaptar às novas exigências do mercado, acabam por ter suas atividades encerradas. É salutar ressaltar, no entanto, que algumas unidades frigoríficas iniciaram suas atividades no mesmo período e os abates no geral mantiveram-se em ritmo crescente no Estado, conforme pode ser visualizado nos gráficos 1 e 2. Nesse sentido, pode-se dizer que um novo cenário se configurou para pecuaristas e empresas do setor produtivo da carne bovina, cada qual buscando também a sua reestruturação.

Gráfico 1 Evolução dos abates em unidades frigoríficas do Sistema de Inspeção Estadual (SIE) no Mato Grosso do Sul (2006 – 2016)



Fonte: SEMAGRO/SEPAF/IAGRO/DFA (2018)

Organização: Valdomiro Lima

As unidades frigoríficas do Sistema de Inspeção Estadual (SIE), concomitantemente ao processo de crescimento produtivo e exportador dos frigoríficos SIF *Global Players*, ocorrido em meados da década de 2000, obtiveram números de abates crescentes ao longo da série histórica entre 2006 e 2016. Fatores como anteriormente citado aumento da renda das famílias brasileiras no período dos governos Lula e Dilma (2003 – 2016), contribuíram, segundo os representantes frigoríficos entrevistados, para as vendas de carne aumentarem internamente no Brasil. A própria internacionalização desses grandes frigoríficos, favoreceu a entrada e/ou permanência dos frigoríficos SIE nos mercados locais de consumo de proteína animal.

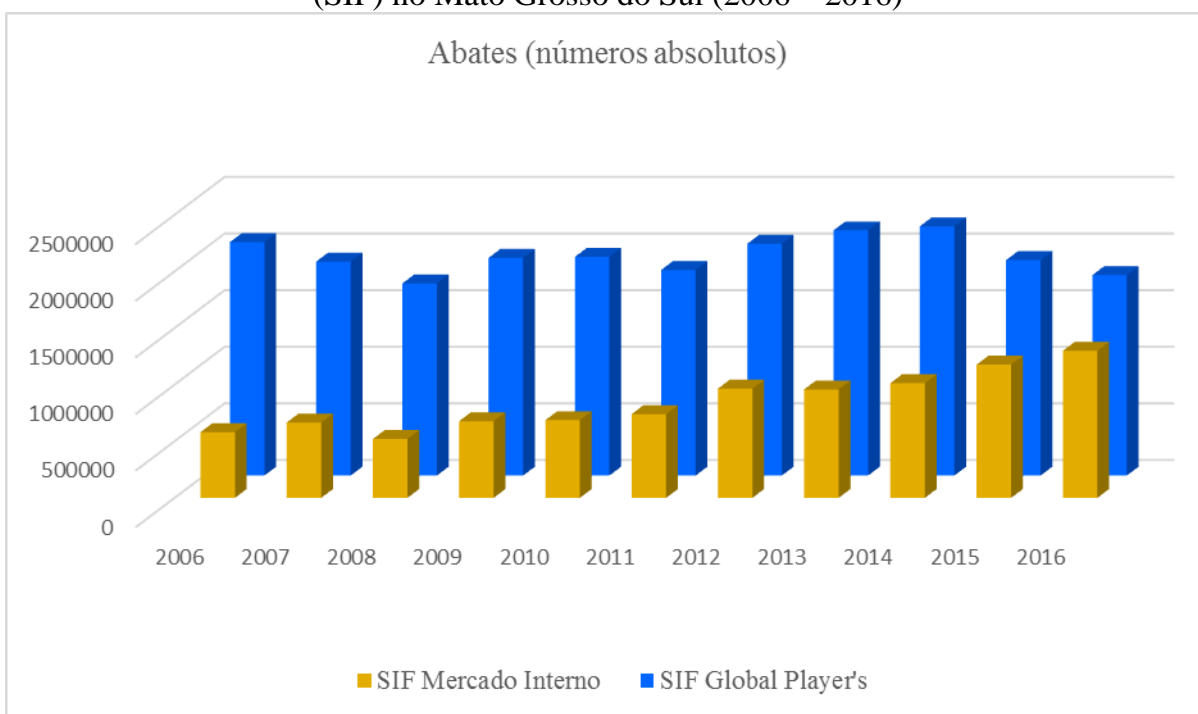
Conforme pode ser visualizado no gráfico 1, o volume de abates dos frigoríficos do sistema SIE mantiveram-se crescentes entre 2006 e 2014, com uma queda do ano de 2015 e voltando a subir, gradativamente, ao longo do ano de 2016.

Especificamente em relação ao ano de 2015, tratou-se de um ano de queda nos indicadores sociais, de aumento do desemprego e diminuição do consumo das famílias. E

numa recessão, a carne bovina acaba sendo preterida em função de outras fontes de proteína mais baratas, daí a diminuição da demanda.

O gráfico 2, que apresenta a série evolutiva dos abates realizados nos frigoríficos sul-mato-grossenses, a nosso ver, também corrobora com a nossa hipótese de reestruturação industrial dos frigoríficos SIE e SIF de mercado interno.

Gráfico 2 Evolução dos abates em unidades frigoríficas do Sistema de Inspeção Federal (SIF) no Mato Grosso do Sul (2006 – 2016)



Fonte: SEMAGRO/SEPAF/IAGRO/DFA (2018)

Organização: Valdomiro Lima

Tirante uma queda em 2008, o número de abates foi sempre crescente na série histórica entre 2006 e 2016. E talvez seja o momento de reconhecer que o termo adotado por nós neste trabalho, para nominar as unidades frigoríficas do sistema SIF que atendiam exclusivamente o mercado interno, não seja mais o mais adequado, uma vez que identificamos nas entrevistas realizadas em 2018, que o cenário dos anos anteriores foi modificado, dado que parte destes estão também exportando suas produções. Numericamente minoria dentre as 27 unidades que atendiam apenas o mercado interno, 3 delas passaram a exportar em 2017 e 2018. Somente com o passar do tempo poderemos confirmar se essa inflexão será sustentável e/ou ampliada, mas trata-se de um dado relevante, uma mudança de cenário que não pode ser desprezada numa análise científica da indústria frigorífica brasileira.

Ao analisar as respostas dadas pelos representantes das unidades frigoríficas SIE e SIF

de mercado interno referentes ao seu processo produtivo, e considerando-se as informações apresentados nos gráficos 1 e 2, é possível, a nosso ver, afirmar que houve uma reestruturação produtiva dessas plantas de abate, feita no “rastros” dos *Global Players*.

Nesse sentido, apresentamos três principais estratégias de competição promovidas pelas unidades frigoríficas SIE e SIF de mercado interno, frente às eventuais oligopolização e internacionalização do setor frigorífico brasileiro e especialmente sul-mato-grossense. São elas:

1. Estruturar-se como uma referência regional e estabelecer uma aliança com os transportadores e com os produtores pecuários, criando um diferencial de confiabilidade no processo de contratação de serviços e na compra e venda de bovinos. Nesse sentido, é importante ressaltar a influência que os proprietários de frigoríficos SIE e SIF de mercado interno têm nas questões municipais, junto a prefeitos, vereadores, sindicatos rurais e comerciantes locais, influência esta que impacta fortemente na formação de uma rede de relações que fortalece parcerias presentes e futuras.
2. Atender a um público-alvo mais restrito, fugindo da competição no atacado, com foco em clientes com demandas específicas. Essa estratégia busca oferecer produtos no varejo, preferencialmente aos pequenos e médios açougues, mercearias, e supermercados, fora do raio de ação principal dos *Global Players*. Pode-se usar como exemplo dessa estratégia a pequena rede de 3 açougues Simental de Dourados-MS, que oferece produtos de primeira linha, a chamada carne *gourmet*, oriunda de uma raça destacada de bovinos.
3. Abrir rotas de exportação em direção a nichos do mercado mundial da carne bovina ainda não explorados, ou não priorizados pelos frigoríficos internacionalizados JBS, Marfrig e Minerva, como por exemplo o abate *halal* destinado ao Irã e à Arábia Saudita, conforme citados nas entrevistas.

Entendemos ser necessário, portanto, repensar a tipologia, a classificação que daremos para esse tipo de empresa que, sem recorrer ao BNDES, sem se enquadrar naquilo que se chamou de “política das campeãs nacionais”, sem adotar o perfil agressivo de adquirir novas plantas, seja aqui ou no exterior, está não apenas conseguindo competir internamente, mas também internacionalizar-se, exportando carne para outros países. Há um futuro para além dos *Global Players* JBS, Marfrig e Minerva. Ignácio Rangel e suas ideias sobre ciclos, fases de expansão e retração, e especialmente a transferência de recursos ociosos para áreas

estranguladas, mostram-se muito atuais nesse século XXI.

Considerações finais

O setor produtivo de carne bovina do Mato Grosso do Sul se reestruturou ao longo de sua história. A atividade da pecuária bovina, que teve início a partir da necessidade de abastecimento da população de colonizadores que desde o século XVIII ocupava o oeste brasileiro, converteu-se ao longo dos anos num dinâmico processo gerencial, técnico e tecnológico, conectado com a modernidade do meio técnico-científico-informacional, comum aos séculos XX e, especialmente, ao XXI.

Quanto ao Mato Grosso do Sul, podemos dizer que também passou por sua reestruturação produtiva, especialmente no quarto final do século XX, quando, por meio do incremento logístico, qualificou o seu circuito espacial da produção de carne bovina, superando uma de suas incompletudes, no caso, de ser um mero criador e vendedor de gado vivo para os frigoríficos do Sudeste, e passou a conviver com a industrialização do processo de abate de bovinos, com a chegada dos frigoríficos ao Estado.

Na década de 2000, o Mato Grosso do Sul assistiu a emergência dos grandes frigoríficos exportadores de carne bovina brasileiros, no caso, a JBS, o Marfrig e o Minerva. Com aportes financeiros do BNDES, essas empresas, denominadas *Global Players*, adotam uma política agressiva e predatória, com aquisições de outras plantas frigoríficas, diversificação produtiva e verticalização industrial, atuando em variados setores industriais, inclusive fora do ramo alimentício e, marca desse século de inflexões, operam com ações na bolsa de valores.

Nossa hipótese partiu do pressuposto de que os frigoríficos de carne bovina que num primeiro momento não haviam se internacionalizado, ao serem confrontados com um novo padrão gerencial, técnico e tecnológico das grandes empresas do setor, muitos deles seguiram pelo mesmo caminho, adotando estratégias várias para ganhar competitividade na disputa pelo mercado da proteína animal.

Nesse contexto, importante ressaltar a importante participação das organizações públicas e privadas de caráter associativo, os círculos de cooperação que se formaram no entorno das atividades pecuária e frigorífica, e que contribuíram para a dinamização do circuito espacial produtivo da carne bovina sul-mato-grossense.

Ressaltamos ao logo desse trabalho, por meio da análise de gráficos e tabelas, a evolução histórica dos abates, em frigoríficos SIF *Global Players*, SIF de mercado interno e

SIE. A regra geral foi de aumento nos abates, o que demonstra, dentre outros aspectos, que a eventual monopolização do setor frigorífico no Mato Grosso do Sul acabou por não ocorrer, ao menos não na forma como se apresenta comumente nos noticiários da imprensa em geral. De fato, Minerva, Marfrig e especialmente JBS, são responsáveis por aproximadamente metade dos abates realizados no Estado. No entanto, isso não significou diminuição dos abates frigoríficos nas demais unidades no período de 2006 a 2017. Ao contrário, o aumento foi majoritário e perceptível nos demais abatedouros sul-mato-grossenses.

Nesse sentido, acreditamos que a reestruturação nos sistemas produtivos das unidades frigoríficas SIE e SIF de mercado interno, explica o fato de que, mesmo com o acirramento da competição, com a implantação de novos padrões gerencial, técnico e tecnológico, com o aumento dos abates e a exportação de carne, todos esses promovidos pelos frigoríficos internacionalizados, essas empresas não apenas sobreviveram, mas aumentaram seus abates e também buscaram ingressar no mercado externo da proteína animal.

Esperamos, por fim, que esse trabalho de pesquisa se converta também num convite à novas reflexões a respeito das realidades econômicas brasileira e sul-mato-grossense, tendo como base a concepção de Ignácio Rangel, no caso a transferência de recursos de áreas com capacidade ociosa para áreas carentes de investimentos. O setor frigorífico da carne bovina sul-mato-grossense certamente era, até meados dos anos 2000, um desses setores com potencial de investimento subutilizado, capital ocioso, portanto. Rangel, um estudioso da economia que atuou com destaque nos primórdios do antigo BNDE (o “S” veio somente em 1982) sempre defendeu as parcerias entre o Estado e o setor privado, como forma de dinamizar o fluxo dos investimentos e alavancar setores estrangulados da economia.

Em nossas incursões pelo meio pecuário e frigorífico do Mato Grosso do Sul, pudemos notar que ainda há muito a se fazer e pesquisar no setor de proteína animal do Estado. Cito dois aspectos desse circuito produtivo que merecem ser analisados futuramente: considerável parte dos fazendeiros pecuários ainda não se integraram aos meio técnico-científico-informacional; e há muitos abatedouros operando apenas sob o controle do Serviço de Inspeção Municipal (SIM) nos municípios sul-mato-grossenses. Um observador pessimista poderia identificar de saída, duas desvantagens competitivas. Outro, mais otimista, partiria do pressuposto de que aí estão duas áreas com capacidade ociosa que eventualmente poderiam ser objeto de intervenções e convertidas em vantagens comparativas. Certamente nos identificamos com o segundo.

Referências bibliográficas

ABREU, S. de **Planejamento governamental: a Sudeco no espaço mato-grossense. Contexto, propósitos e contradições**. São Paulo: USP, 2001.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Relatório Anual**. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home>>. Acesso em 13 de abril de 2017.

BENITES, Miguel Gimenez. **Brasil Central Pecuário: Interesses e conflitos**. Presidente Prudente: Unesp/FCT, 2000.

BERNARDES, Júlia. A.; ARACRI, L. A. dos S. (Orgs.). **Espaço e Circuitos Produtivos: A cadeia carne/grãos no cerrado mato-grossense**. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2010.

BERTHOLI, Anderson. **O lugar da pecuária na Formação Socioespacial Sul-Mato-Grossense**. (Dissertação) PPGGeo/CFH/UFSC. Florianópolis, 2006.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geoFigura, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. In: **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 461-474, dez, 2010.

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DE MATO GROSSO DO SUL. **Participação de Mercado das Indústrias Frigoríficas em Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <<http://portal.sistemafamasul.com.br>> Acesso em 14 de abril de 2017.

GALERA, Mauricio Martorelli. **A inserção dos frigoríficos exportadores de Mato Grosso do Sul no mercado global**. (Dissertação) PPGG/FCH/UFGD. Dourados, 2011.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1994.

IANNI, O. **Estado e planejamento econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estabelecimentos agropecuários produtores de bovinos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em 27 de abril de 2017.

LAMOSO, Lisandra Pereira. Comércio exterior brasileiro: a tese da “reprimarização” da pauta exportadora e suas repercussões para mato grosso do sul. In: **XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS**, 2010. Porto Alegre. Anais XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

MAMIGONIAN, A. **Notas sobre os frigoríficos do Brasil Central pecuário**. Belém: AGB, 1974.

RANGEL, Ignácio. **O ciclo médio e o ciclo longo no Brasil**. Revista Ensaios FEE, Porto

Alegre, v. 3, n. 2, p. 31-42, 1983.

RANGEL, I. **A história das dualidades brasileiras.** Revista de economia política, São Paulo, n.1, 1981.

RANGEL, Ignácio. **Recursos ociosos e política econômica.** São Paulo: HUCITEC, 1980.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção.** Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método.** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n 54, p. 35-59, jun. 1977.

SANTOS, Milton, SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil – território e sociedade no início do século XXI.** São Paulo: Record, 2001.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR. **Exportações de Unidades Frigoríficas com registro no SIF.** Disponível em: <<http://portal.siscomex.gov.br>>. Acesso em 13 de março de 2017.

SILVEIRA. M.R. **A importância geoeconômica das estradas de ferro no Brasil.** Tese (Doutorado) – São Paulo: UNESP, 2001.

Recebido em 01 de agosto de 2018.

Aceito em 22 de setembro de 2018.